

Obras desnudam mitos urbanísticos de Brasília

Documentário e livro mostram que o ideal da cidade democrática, que faz hoje 33 anos, foi derrotado pela realidade econômica e social

LUIZ ZANIN ORICCHIO

BRASÍLIA — A capital do País ganha dois presentes no seu 33º aniversário, comemorado hoje. "Presentes de grego", dependendo do ponto de vista. Sexta-feira estreia em São Paulo o documentário *Conterrâneos Velhos de Guerra*, do cineasta brasiliense Vladimir Carvalho. Até o final da semana, estará nas livrarias o livro *A Cidade Modernista: Uma Crítica de Brasília e sua Utopia*, do pesquisador norte-americano James Holston. Duas obras amargas para quem gosta de preservar mitos fundadores.

Conterrâneos (veja ao lado) vira pelo avesso a construção da Capital Federal — a saga parece bem menos heróica do que dá a entender o discurso oficial quando vista pela ótica dos candangos que trabalharam duro para levantar os edifícios de Oscar Niemeyer. *A Cidade Modernista* se empenha em desmontar a fantasia de que o urbanismo criado por Lúcio Costa levaria a uma sociedade mais coletivista e igualitária.

Para Holston, Brasília é um mito particular pensado dentro de um mito geral. Mito número 1: os planejadores da cidade, influenciados pelas idéias modernistas de Le Corbusier, imaginavam que a revolução no traçado urbano e na concepção dos edifícios produziria uma mudança significativa nas relações sociais. Mito número 2: Brasília poderia funcionar como enclave utópico na sociedade de classes de um país do Terceiro Mundo.

Assim, os habitantes de Brasília morariam em edifícios do mesmo tipo, nas superquadras, sem distinção de classes sociais. Freqüentariam o mesmo espaço físico e as mesmas áreas de lazer, o que levaria a um convívio mais democrático. Houve exatamente o contrário. Como os mais pobres não tinham condição de arcar com os custos de moradia nem havia habitações de baixa renda, foram expulsos para a periferia. Paradoxalmente, surgiu um tipo de segregação social mais perverso que o das outras cidades do País — cerca de 75% dos 1,6 mi-

lhão de brasilienses mora fora do Plano Piloto, nas cidades-satélite.

Há sinais mais visíveis desse fracasso. Os edifícios residenciais foram construídos sobre pilotis e com fachadas de vidro, para atenuar a separação entre o público e o privado. Achava-se que, com isso, haveriam relações mais estreitas entre a vizinhança. Com a chegada da pobreza a Brasília, começaram a aparecer grades cercando os blocos. A classe média se entrincheira, como em São Paulo ou no Rio.

A análise de Holston não é novidade para quem mora em Brasília, e muito menos para quem pensa a cidade. José Carlos Coutinho, professor de Urbanismo na UnB, diz que esse mitos já vêm sendo discutidos há muito tempo. "É inútil dizer que o modernismo erra com a idéia delirante de que uma alteração no espaço físico produz modificações no espaço social", afirma. "São críticas feitas há pelo menos dez anos." Segundo Coutinho, o plano falhou. Foi produto da generosa onipotência de Lúcio Costa.

Para Érico Weidle, chefe do Departamento de Arquitetura da UnB, Brasília é prova de que as transformações se fazem na sociedade pelas pressões diárias e não na prancheta. "Conversei muito com o Lúcio Costa. Acho que, no fundo, ele sabia que não daria resultado. Mas não podia fazer de outro jeito. Havia a esperança do arquiteto em construir uma sociedade nova. Ele criou o símbolo e a liturgia dessa sociedade, mas só isso."

Frederico Holanda, também urbanista da UnB, afirma que o livro de Holston deixa de lado o fundamental: o aspecto político presente na concepção da cidade. Segundo o professor, Brasília não é uma cidade moderna ou democrática. Ao contrário, cria um tipo de espaço que beneficia a separação entre os agentes sociais e a instância administrativa, isola os diferentes e dificulta o enfrentamento dos conflitos. E pensada sobre um fundo autoritário. "Estruturalmente, Brasília é tão democrática quanto um castelo medieval", observa.



Canteiro de obras

Cena do filme de Carvalho: polícia metralha operários que protestavam contra qualidade da comida

Filme conta história pelo ângulo operário

O filme *Conterrâneos Velhos de Guerra* agarra o espectador pela emoção. Em 2 horas e 47 minutos, Vladimir Carvalho mostra a saga dos trabalhadores atraídos ao Planalto Central para construir Brasília. Havia pressa. A cidade era a meta-símbolo do governo

JK. Entre os operários estava difundida a idéia de que construiriam a cidade onde iriam morar. Não era bem isso. Assim que ela ficou pronta, foram convidados a procurar outro pouso. Vladimir documenta as primeiras favelas que passaram a abrigar os candangos.

Mas o ponto mais chocante do filme é o documentário do massacre de 1959 no acampamento da Pacheco Fernandes Dantas. Houve protesto por causa da qualidade da comida. A polícia invadiu o alojamento e metralhou os manifestantes. (L.Z.O.)